

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS AFRODESCENDENTES NO  
LIVRO *AS CANÇÕES E HISTÓRIAS DE UM CAPOEIRA*, DE ULISSES GOMES  
DA SILVA (ESQUILO)**

**Prof.º Ms. Francílio Trindade - IFMA**

**RESUMO:**

Neste trabalho, faz-se uma análise do livro *As canções e histórias de um capoeira* (2007), de Ulisses Gomes das Silva (Esquilo) e estabelece relações identitárias com a poesia afro-brasileira contemporânea no processo de construção da memória, da história e da cultura, recriadas pelo Griot, a fim de que sejam mapeados os poemas deste livro, conforme a temática abordada, sobretudo, do ponto de vista estético, social e cultural. Além disso, é necessário identificar os elementos diaspóricos e a função do Griot capoeirista; resignificar a contribuição da poesia da capoeira na construção da história, da cultura, da identidade e da memória da nação brasileira para dar mais visibilidade aos elementos culturais afrodescendentes.

**Palavras- chave:** Ulisses Gomes da Silva ou Esquilo, Capoeira, Literatura afro-brasileira e Literaturas, cultura popular, identidade afrodescendente.

**INTRODUÇÃO**

Uma das questões de maior relevância nos estudos literários afrodescendentes de língua portuguesa, como também na literatura afro-brasileira é a questão da diáspora, da história, da cultura e do processo de construção de identidades. A memória é construída através das manifestações populares em suas diversas expressões, já que é através dessas manifestações culturais como a capoeira, o samba, o bumba-meu-boi, o tambor de crioula, o carnaval entre outras que resistem a este processo discriminatório secular no Brasil, essas modalidades artísticas se tornam símbolo de resistência cultural, consoante o historiador Cid Teixeira (GOULART, 2007) em *Mestre Bimba – a capoeira iluminada*, documentário de Luiz Fernando Goulart, produzido pela Lumen produções. Faz-se oportuno analisar o aspecto literário a partir de um intelectual orgânico da capoeiragem brasileira, especialmente, a poética de *As canções e histórias de um capoeira* (2007), de Ulisses

Gomes da Silva<sup>1</sup>, conhecido no meio da capoeira como Esquilo, apelido<sup>2</sup> da capoeira, ele é um poeta capoeirista muito comprometido com a causa da negritude, tinha consciência de toda história de sua etnia e retrata o negro como guerreiro que luta e supera suas adversidades o que se pode constatar em *Eu sou negro nagô* (2007):

Oh sinhá, oh sinhô  
Lê, lê, lê, eu sou negro nagô

Eu sou negro sim seu moço  
Não nego de onde venho  
Trago na pele a cor negra  
E todo orgulho que tenho

Já trabalhei na lavoura  
Na colheita de algodão  
Quebrei milho, cortei cana  
Já sofri humilhação

Hoje não sou mas<sup>3</sup> escravo  
Não vivo mais na corrente  
Pois eu nasci pra ser livre  
Nessa vida ninguém mais prende (SILVA, 2007, p. 47).

---

<sup>1</sup> Ulisses Gomes da Silva ( 22 de abril de 1976 – 17 de abril de 2011) era o nome do capoeirista Esquilo, “ filho natural de Solange Alda da Silva e de Edvaldo Dias da Silva. O pai, o qual nunca conheceu. Sendo assim foi registrado legalmente no nome de seus avós. Domingas Francisca da Silva e José Gomes da Silva. Sua infância e adolescência foi vivida na Vila Planalto. Lugar que ama, e tem o orgulho de chamá-la de Terra natal. Pois nunca esqueceu suas raízes. E os bons amigos que lá conquistou, que um dia irá reencontrar. Esquilo iniciou seus caminho na Capoeira, no dia 07 de março de 1990, na Abadá-Capoeira. Fato que jamais esqueceu. Seu apelido foi dado por um dos colegas de treino, por ele ter as mesmas características desse animal, o Esquilo. Com várias das canções que fazem parte desse livro, o autor foi premiado, muitas delas, estão registradas em mais de 5cds de capoeira. E por meio de uma canção, recebeu seu primeiro prêmio dentro da capoeira. Em 1994, mas ainda com seu esforço e dedicação à arte que escolheu pra vida. Conquistou muitos outros prêmios em competições. Em 1997, foi o quarto colocado nos primeiros Jogos Mundiais, Abadá-Capoeira. E no ano seguinte foi o primeiro Campeão Brasileiro da mesma competição” (SILVA, 2001, p. 4). Esquilo foi, sobretudo, um capoeirista muito talentoso, considerado completo, porque jogava capoeira bem, fazia músicas bem fundamentada na história dos negros, da escravidão e da própria capoeira entre vários temas, tocava com muita fluência todos os toques de berimbau da capoeira Angola, Regional e Contemporânea, era artesão pois fazia berimbau e caxixi com maestria, professor de capoeira, educador e artista. Suas canções estão gravadas em vários Cd’s da ABADÁ-CAPOEIRA.

<sup>2</sup> O apelido na capoeira era o disfarce da identidade do capoeirista que era perseguido, por isso mesmo sendo aprisionado, não era revelado seu nome de batismo. Depois, que a capoeira deixa de ser crime, o apelido torna-se a identidade do capoeirista na capoeiragem e o nome de batismo, às vezes, continua desconhecido.

<sup>3</sup> Mais, adjunto adverbial, pois o Livro traz alguns problemas de prosódia e ortografia, devido ao afastamento do autor da língua materna padrão e a influência dos substratos e extratos linguísticos de outras línguas na Europa, pois estava transitando nos países baixos, na Holanda, Luxemburgo e Alemanha, tinha alunos na França, na Suíça e no Brasil, além de participar de eventos em todo o mundo como no Encontro Internacional de Artes Marciais na Coreia, no Oriente Médio em Israel, entre outros países que andou.

Esquilo assume a condição de negro nagô em uma tomada de consciência ideológica, o eu lírico está a serviço de uma causa coletiva de seu povo que foi escravizado, explorado, todavia consegue resistir o processo de exclusão e desterritorialização, reterritorializando no momento que se emancipa das amarras do processo de escravidão e marginalização do afrodescendente.

Nesse estudo de expressões populares afro-brasileiras, destaca-se no mundo a capoeira que se expande nos cinco continentes, levando a língua portuguesa e a cultura brasileira a terras já navegáveis, ela chega a esses países como arte, cultura, esporte, lazer, música, dança, luta entre outras modalidades artísticas, todavia há ainda uma forte discriminação em relação a essa arte afro-brasileira em seu próprio país de origem. É contraditório o patrimônio imaterial do país ainda não está em seu espaço relevante a nossa história, arte e literatura. Deve-se, então, ser vislumbrada a poesia afro-brasileira da capoeira que é rica não só em ritmo, mas também em simbologia, polissemia e intertextualidade, oralidade, assim como também perceber suas relações identitárias com a poesia afro-brasileira contemporânea, a fim de que seja reconstruída a história, a memória oral e cultural de uma nação. Em Olhar de candieiro (2007), o poeta consegue perceber que a capoeira ganha espaço no mundo e que o capoeirista tem outra função, outra forma e conceito neste universo globalizado:

Meu olho é como candieiro  
Que brilha no meio do escuro  
Vi tristeza no passado, e alegria no futuro

Deixa clarear, deixa clarear candieiro

Sob a luz do candieiro  
Quando noite na senzala  
O negro sentia banzo  
E sozinho lamentava

Hoje em dia o negro é forte  
Se libertou de correntes  
Sobe a luz do candieiro  
Vê seu futuro à frente

Só depois de tanta luta  
Que ele teve que enfrentar  
Vê a luz do candieiro  
Espelhada no luar

Nossa luta é capoeira  
Batalhamos dia-a-dia  
Berimbau meu candieiro  
É você que me alumia (SILVA, 2007, p. 188)

Sabe-se que a literatura primeira é aquela espontânea que brota da alma de um povo através de um bardo, embora haja a técnica construída em academias e escolas literárias tradicionais. Por outro lado, entende-se que há inúmeras possibilidades de manifestar a arte poética, a poesia dentro do universo da capoeira, é apenas uma vertente, porém não menos importante que outras vertentes. Ela também está a serviço da situação, então, o simultaneísmo, a espontaneidade, a oralidade, os costumes populares, o cotidiano estão presentes em suas canções. Portanto, a poesia da capoeira registra não só a sua identidade cultural, como também registra sua memória através de eu lírico participativo e interativo, o cantor entoia o jogo da capoeira como se fosse um narrador, registrando os golpes, a astúcia, o medo e a coragem, a esquivas, a ginga, a beleza dos movimentos entrecruzados, híbridos e livres e espontâneos. O sentimento e o fundamento do jogo é interpretado pelo cantor que se torna mais um ator do espetáculo, cantor e tocador do berimbau, que possui a função de um Griot capoeirista, agencia todas essas manifestações e estabelece relações de identidade.

Dante diz: “Uma *canzone* é uma composição de palavras postas em música.” Se alguém quiser saber alguma coisa sobre poesia, deverá fazer uma das duas coisas ou ambas. I. É, OLHAR para ela ou escutá-la. E, quem sabe, até mesmo pensar sobre ela. E se precisar de conselhos, deve dirigir-se a alguém que ENTENDA alguma coisa a respeito dela. [. . .] No caso da poesia, há ou parece haver uma porção de coisa a olhar. E parece haver muito poucas descrições autênticas que tenham alguma utilidade. Não conheço melhor ponto de partida. (POUND, Ezra, 1996, p.34).

Além disso, a contribuição histórica dessa arte está marcada em nossa memória de resistência cultural, que ora se manifestou marginalmente, ora se manifestou como esporte, ora se manifestou como arte, contribuindo para a formação de nossa identidade, história e memória cultural. Assim, analisar o texto *As canções e histórias de uma capoeira* (2007), de Ulisses Gomes da Silva (Esquilo), para que seja revelada à comunidade acadêmica uma forma diferente de fazer poesia e de interpretá-la, pois a literatura afro-brasileira está cheia de lacunas para serem preenchidas e mistérios para serem desvelados. No poema Valente Besouro (2007), de Ulisses Gomes da Silva (Esquilo), p. 105, o Griot capoeirista conta a

história dos mitos e heróis da Capoeira, do seu povo e de sua nação, este poema traduz a memória oral, contada pelos os antigos mestres, contribuindo com a própria história da capoeira que está entrecruzada com a história da nação brasileira. Nas primeiras décadas do século XX, depois da Abolição (1888), a perseguição e a discriminação ainda eram bastante forte. Surgem, então, mitos que vão modificando o imaginário do negro inferior, possibilitando uma mudança de paradigma, do negro superior ao senhor e ao coronel, do negro poderoso, protegido pelos orixás.

Ouvi contar como tudo aconteceu  
Foi lá em Maracangalha que Besouro morreu

Valente lá na Bahia foi Besouro Mangangá  
Negro de corpo fechado carregava um patoá

Besouro Cordão de Ouro gostava de zum,zum,zum  
Pois era muito valente enfrentava qualquer um

O homem era indigesto difícil de se vencer  
Mas foi vencido pela carta que ele não podia ler

A carta do sinhozinho ele mesmo foi levar  
Nem mesmo desconfiava o que estava escrito lá

Chegando em Maracangalhaa carta ele entregou  
O que dizia na carta, dê cabo do portador

Emboscada vários tiros Besouro não pegou um  
Só tiraram sua vida com uma faca de Tucum

Mas Besouro ainda vive não se pode discutir  
Nas cantigas e nas lendas que se contam por aí.

Besouro é um nome que representa os capoeiristas e a cultura afrodescendente no Brasil como Pastinha, Bimba, Waldemar da Paixão, Madame Satã, Zumbi, Solano Trindade, Abdias do Nascimento, entre outros heróis da cultura oral brasileira que estão ganhando visibilidade com essas manifestações populares. A capoeira constrói a memória oral e registra em seus LPs, CDs, DVDs, documentários, livros, revistas especializadas e periódicos, oriundos no meio da capoeiragem, pois os capoeiristas já não são os analfabetos, estivadores, trabalhadores braçais do passado como os mestres antigos da capoeira. Os capoeiristas também evoluem com a capoeira e divulgam essa modalidade artística em vários conhecimentos em diversas áreas, seja na área de saúde, seja na área de humanas, seja na área da educação e na psicologia da educação entre outras áreas afins

como música, dança e literatura.

Há uma necessidade de ampliar os limites da pesquisa literária e da literatura, a fim de que seja retirada da margem do cânone aquela poesia popular das rodas de capoeira que já conquista seu espaço no mercado editorial e fonográfico através de suas produções independentes e, às vezes, devido a um patrocínio. Essa poesia ultrapassa os limites, rompe conceitos, propaga ideias e encanta a recepção, pois existem milhares de cd's e livros feitos por esses poetas populares, mas a crítica literária e os estudos literários devem olhar a essa tendência da literatura pós-moderna e contemporânea, até porque a literatura dá conta dessa produção feita nas rodas de capoeira.

No balanço do Mar, ioiô  
No balanço do Mar, iaiá  
No balanço do Mar, êh!, êh!

No balanço do Mar

Lá vem o Navio Negreiro, trazendo africanos de lá  
E aqui em solo brasileiro, escravos iram se tornar

No porto eu fui vendido, para o senhor fazenda  
Pra plantar e cortar cana e trabalhar na moenda

Mas sou negro e sou valente e tenho alma guerreira  
Vou fugir do cativo pro meio da Capoeira

Eu vou me embrenhar na mata  
As correntes arrebentar  
Vou voltar pra minha terra  
Eu vou no balanço do mar (SILVA, 2007, p. 201).

No balanço do mar, Ulisses Gomes da Silva, Esquilo, retrata imagens da desterritorialização do negro africano, aprisionado, todavia ele se rebela, resiste o processo de desconstrução de sua identidade e reconstrói sua terra na mata, criando os quilombos. Solano Trindade (1961, p. 29) “Feçam minha boca/ Mas deixam abertos os meus olhos/ Maltratam meu corpo/ Minha consciência se purifica/ Eu fujo das mãos/ Do maldito senhor!” em seu Canto dos Palmares enfatiza a perversidade da escravidão, expressando todo seu sofrimento e revolta, porém o espírito guerreiro predominante na memória e na cultura identitária do povo africano. Em Atabaques (1979), de José Carlos Limeira, o poeta quilombola também retrata essa imagem aguerrida do povo africano no poema Memórias I “queria ver você negro/ negro queria te ver/ se Palmares ainda vivesse/ em palmares queria

viver” (LIMEIRA,1979, p.19-24). O movimento do balanço do mar revela a ginga do africano e a capacidade de enfrentar e se esquivar das adversidades extremas. Em Canto dos Palmares, Memória I e No balanço do mar podem ser estabelecidas relações identitárias, pois os poetas possuem uma consciência coletiva e interativa entre eu e o mundo, indivíduo e sociedade: “ a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente ...” (HALL, 2003, p. 11).

Na literatura, o livro *As canções e histórias de uma capoeira* (2007), de Ulisses Gomes da Silva (Esquilo) estabelece relações identitárias com a poesia afro-brasileira contemporânea, porque na realidade a capoeira, a poesia afro-brasileira, a música negra fazem parte de um movimento de crioulização de construção de um processo identitário no mundo pós-moderno através da memória oral, da história coletiva e individual, dos costumes, da religiosidade, dos valores de seu povo, da culinária, do artesanato, da linguagem como se manifesta na letra Negra do doce (2007): “Hoje danou-se negra do doce// côco maduro baiano quem trouxe ...Roda na praça, roda na feira// todo domingo (têm capoeira) ... Bota tempero na ginga ... o bom capoeira tem que ter dendê” (SILVA, 2007, p. 61). Na poesia de Solano Trindade em Canto dos Palmares (1961) como na poesia América negra (2004), de Élio Ferreira há essas relações identitárias, resgatada pela presença do Griot que registra e pontua a memória, os costumes e valores através do seu canto. É relevante, portanto, perceber a contribuição política, social, econômica, tecnológica e cultural que os afrodescendentes e afro-brasileiros deixaram para a nação brasileira, para que seja construída uma crítica literária mais inclusiva e que atenda à tendência da crítica e da academia moderna que é a descentralização do conhecimento, possibilitando o pesquisador imiscuir-se no universo de sua investigação.

Essa poesia feita nas rodas de capoeira representa essa memória oral dos afrodescendentes e afro-brasileiros, pois registram a história da capoeira, dos capoeiristas e do povo que a pratica. Antes era só brasileiro, hoje o mundo inteiro pratica essa arte afro-brasileira e canta as canções da capoeira em nossa língua vernácula, a língua portuguesa, pois a capoeira conserva a linguagem brasileira e divulga sua cultura.

[...] uma língua é sempre uma caldeirada, uma mistura esquizofrênica, um traje de Arlequim através do qual se exercem funções de linguagem muito diferentes e centros de poder distintos, ventilando o que pode ser e não ser dito: lança-se uma função contra a outra, faz-se funcionar os

coeficientes de territorialidade e de desterritorialização relativos.  
(DELEUZE & GUATTARI, 2002, p.55).

A capoeira é considerada hoje uma das maiores divulgadora da língua portuguesa no mundo, pois ela se encontra em todos continentes, pois sua prática é ministrada em língua portuguesa, suas músicas e poesias têm atraído praticantes de todo mundo, não só pela sua beleza plástica, mas também pela sua riqueza literária e cultural, já que a capoeira é uma arte que envolve várias outras artes como a arte marcial, a dança, a poesia, a música, o artesanato, o repente entre outras manifestações.

A música dessa arte que é também improvisada como repente é trabalhada como uma poesia, essa modalidade é expressa pelos seus menestréis da capoeira, pois os capoeiristas são compositores, intérpretes e instrumentistas de suas autorias, contribuindo para a formação dessa nossa identidade cultural. São divulgadores de nossa capoeira, música e realidade brasileira, viajam o mundo sem nenhum apoio governamental ou empresarial oficialmente, todavia se esquivaram de todas as adversidades em nome dessa arte e dessa cultura afro-brasileira.

Essa modalidade artística também possui uma vertente social bastante significativa, pois há inúmeros projetos sociais espalhados não só no Brasil, mas também em todo planeta. A capoeira também pode ser vista como uma grande articuladora de indivíduos que estão à margem da sociedade, incluindo esses indivíduos em uma vida social mais saudável, já que ela possui uma capacidade terapêutica, desenvolve a função cognitiva e corpórea dos seus praticantes e diminui as suas diferenças físicas e sociais.

Essa arte não exclui nenhuma etnia, cor, idade, ou classe social, todos estão na roda que simboliza a equidade, porque são todos participantes do acontecimento, por isso, chama-se roda de capoeira, não é só o indivíduo, mas sim o grupo que a realiza. Todos possuem uma função na roda, os instrumentos, a música, o ritmo, as palmas, o canto, o jogo e o entusiasmo contribuem para o acontecimento, que é própria roda de capoeira.

Nessa investigação é estudada uma vertente da capoeira que é a poesia, mas para compreendê-la deve também compreender outras vertentes como os fundamentos da capoeira, o jogo e a luta, pois uma unidade faz parte de um todo. Essa unidade poética está para capoeira, assim como a capoeira está para essa poesia cantada em suas rodas. Há uma relação muito próxima entre essas unidades que englobam várias outras artes interligadas.

Quanto à origem dessa arte, não se tem dúvida que é brasileira, ou melhor, foi originada por africanos no Brasil e filhos de africanos nascidos no Brasil, por isso, ela é

afro-brasileira como já foi dito e reiterado, mas há uma necessidade de pesquisa, pois há também muitas lacuna, fendas na história da nossa nação brasileira:

[...]Diz Valdoloir Rego (1968) que ‘no caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia [...] (MOURA, 2004, p. 84).

Em *As canções e histórias de um capoeira*, de Ulisses Gomes das Silva (2007), o Esquilo da capoeira, retrata a história da capoeira, personifica o berimbau em uma imagem épica: “Meu berimbau me falou/ Meu berimbau me falou// Histórias da Capoeira/ Que ninguém nunca contou ... Do Ngolo e da Bassula/ Também da Camangula/ Nasceu a Capoeira/ No tempo da escravatura ...” (SILVA, 2007, p. 151). A origem da Capoeira é também misteriosa, e ainda, não se sabe precisar o século, o ano ou o mês, até porque há poucas pesquisas sobre a temática, talvez isso não aconteça por que ela não estava pronta, pois ela surge e desenvolve. No entanto, sabe-se que foi a partir da chegada dos africanos ao Brasil, há três focos essenciais de sua origem: Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, que manifestaram essa arte secular, que se torna, depois, símbolo de resistência cultural.

### CONCLUSÃO

Investigar o texto literário de um capoeirista é um desafio para os leigos em capoeiragem, um prazer para um capoeirista que dialoga com o próprio poema, porque existe um diálogo direto com a recepção dentro e fora da roda de capoeira. Como também é perceptível para o leitor, interlocutor ou ouvinte perspicaz de sua canção. O pesquisador penetra no reino da arte da capoeira para entender algumas metáforas de suas canções.

Esse livro do Esquilo *As canções e histórias de um capoeirista* (2007), publicado na Europa, em Luxemburgo, possui alguns problemas de ortografia e prosódia, Ulisses Gomes da Silva leva para gráfica antes da revisão, por isso, o livro está com alguns problemas ortográficos. Há uma necessidade de revisar o livro de 323 páginas, foi dividido em três partes: com cento e quarenta e três músicas de capoeira, sete músicas de samba de roda e seis de maculelê, fazer uma ficha catalográfica no Brasil, registrá-lo na Biblioteca Nacional.

Enfim, essa revisão ortográfica e prosódica deve respeitar o dialeto utilizado em cada poema para não prejudicar a sua composição, porque em várias canções o dialeto

optado pelo poeta Esquilo é o regionalismo ou coloquial, os problemas ortográficos não prejudicam em nada a beleza estética de suas composições, nem o ritmo de suas canções. O que deve ser feito é uma retificação adequada à intenção do poeta, já que demonstrava em vida o interesse em revisar e fazer uma segunda edição e tiragem dessa obra.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BOA VOZ. *Cd Boa Voz capoeira*. Madrid: Cezanne Producciones, fevereiro/ março, 2002.
- CARVALHO, Paulo César Valadares Carvalho. *Capoeira, arte-luta: uma abordagem pedagógica de inclusão*. Teresina:Gráfica Ipanema, 2010.
- CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro*. 2 ed. Teresina: APL/UFPI, 1993.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Élio. MENDES, Algemira, de Macedo. *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidades*. São Paulo: Quilombhoje, 2011.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GOULART, Luiz Fernando. *Mestre Bimba – a capoeira iluminada* (filme documentário nacional). Brasil: São Paulo: Lumen produções, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MESTRANDO MORCEGO. *Cd Abadá-capoeira- DF*. Manaus: Sonopress-Rimo Ind. Com. Fonog. Ltda., 2001.
- MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- POUND, Ezra. *A b c da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. *Africanos muito além da escravidão*. Ano 7, nº 78, março, 2012.
- SILVA, Ulisses Gomes da. *As canções e histórias de um capoeira*. Luxemburgo: Offset Köhler, 2007.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SOUZA, Élio Ferreira. *Poesia negra das Américas: Solano trindade e Langston Hugues: memória, identidade cultural, história, engajamento & poética da negralização*. Recife: UFPE, 2006.

WALTER, Roland. *Afro-américa: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.